

FIGURATIVIZAÇÃO PRESENTE EM: AS AVENTURAS DE PI E ILHA DOS AMORES

Carla Patrícia Felix da Silva (IC) e Elaine Cristina Prado dos Santos (Orientadora)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estabelecer uma relação entre o filme *As aventuras de Pi* e a passagem da *Ilha dos amores* de *Os Lusíadas* no que diz respeito ao processo de figurativização e, assim, apontar como se fazem contemporâneos os temas abordados nas obras apresentadas. Para tanto, foi realizada uma pesquisa na qual fez-se o levantamento de como se dá o processo de figurativização em cada obra. Além disso, buscou-se ainda identificar os possíveis significados das figuras apresentadas em ambas as obras e o que elas podem representar; questionando qual seria a importância do uso de figuras nas obras analisadas, destacando também a maleabilidade de figuras, isto é, como podem facilitar a apreensão de um tema e como se fazem eficientes na literatura e em outras linguagens. Por fim estabeleceu-se um elo entre essas duas obras por meio de uma imagem em comum.

Palavras-chave: Figurativização; Figuras; Tema

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca estabelecer um diálogo entre o filme *As aventuras de Pi* (2012), baseado no romance de Yann Martel, *Life of Pi*, e dirigido por Ang Lee e a passagem Ilha dos Amores d'*Os Lusíadas* (1999), de Camões. Para atingir este determinado fim, toma-se como pauta para a análise o processo de figurativização, isto é, a composição dos personagens e temas que vão se moldando ao longo das histórias apresentadas, com o propósito de estabelecer uma análise comparativa entre o poema épico e a obra cinematográfica, como meio capaz de tornar possível este diálogo.

Sendo assim destacamos a importância deste estudo, pois busca-se mostrar não somente a beleza das obras apresentadas, mas também as quão significativas elas são. Desta forma, podemos justificar este trabalho como relevante pela possível contribuição tanto para pesquisa em Literatura Clássica quanto para pesquisas que estabelecem diálogos entre diferentes linguagens mostrando e ressaltando as diferentes formas de se tratarem temas comuns em diferentes obras, em diferentes épocas.

Para tanto, apresentamos o que cada obra vai nos trazer. Na trama cinematográfica nos é apresentada a história do jovem Pi, que por sua vez, é contada por ele mesmo como narrador em um tempo posterior ao da história narrada. Pi vive na Índia com sua família: pai, mãe e irmão. Seu pai é dono de um zoológico e em busca de uma vida melhor para sua família decide se mudar para o Canadá e vender os animais do zoológico. Durante a viagem a embarcação, em que se encontrava a família de Pi e também os animais do zoológico, é acometida por uma grande tempestade, o jovem, então, decide assistir ao fenômeno. Nesse momento, Pi percebe que o barco está inundado e, apesar de tentar, o jovem não consegue salvar sua família.

Contudo, o garoto consegue se salvar e fica a bordo de um bote salva-vidas, no qual ele abriga um orangotango, uma zebra e uma hiena. Porém, no decorrer da trama a hiena ataca a zebra e o orangotango, o que leva o garoto a um estado de fúria e nesse momento surge Richard Parker, um tigre de bengala, cuja presença é omissa até o momento. Temendo o tigre, Pi se refugia em uma boia e suplica a Deus que lhe mostre o que fazer. O jovem percebe que se quiser sobreviver precisa domar a fera que com ele convivia no mar, então inicia um processo de treinamento/ acordo com o tigre.

Nos momentos seguintes, a trama nos leva a uma noite estrelada, na qual Pi e a fera observam a água do mar e as imagens que se formam nela. Nesse momento, somos

imersos na água pelos olhos do tigre e quando emergimos voltamos aos olhos de Pi. Após, passada essa cena, uma nova tempestade atinge os protagonistas, o tigre fica intimidado e se esconde, quando a chuva se torna branda o garoto olha para seu companheiro e diz a ele que estão morrendo. Pi adormece. Ao acordar, o garoto nota que o bote está ancorado numa ilha, nota também que Parker não está no bote.

Na ilha, Pi e seu amigo se alimentam, há nela um lago com água doce. Ao entardecer, contudo, o jovem percebe que há algo de errado com a ilha, ele encontra uma flor-de-lótus com um dente humano e conclui que o local paradisíaco era uma ilha carnívora. O garoto decide partir. Enfim, o jovem e o tigre chegam à praia, então, a fera o deixa sem sequer olhar para trás. Após isso, nos é apresentada uma história trágica sobre o que realmente teria acontecido no mar.

Essa construção figurativa nos é apresentada também na passagem *Ilha dos Amores*, de *Os Lusíadas*. Obra publicada em 1572, no auge do Renascimento literário em Portugal, trata-se de uma grande obra poética de Camões, na qual é narrada a viagem de Vasco da Gama e sua descoberta do caminho às Índias, esse é o ponto central do poema épico.

Em *Os Lusíadas* a narração tem início em plena ação, Vasco da Gama e sua frota se dirigem ao Cabo da Boa Esperança com o intuito de chegar às Índias. Durante os embates e percalços vividos no mar são auxiliados por Vênus e Marte, porém perseguidos por Baco e Netuno. Ao longo das passagens narradas no poema épico, os portugueses narram os feitos heroicos de seu povo. Até que chegam, por fim, à *Ilha dos Amores*.

Essa ilha, descrita nos cantos IX e X de *Os Lusíadas*, é apresentada como um lugar ideal para os navegantes, como um lugar de paz, descanso e prazer. Trata-se de um ambiente repleto de divindades que recebem os portugueses que ali desembarcam com muita hospitalidade. A ilha foi projetada pela deusa Vênus e por seu filho Cupido para os navegantes, como forma de presente pelos seus feitos no mar. Nesse local eles encontram ninfas, recebem um grande banquete e profecias de Sirena a respeito do povo lusitano e de suas conquistas futuras.

Em seguida, Tétis conduz Vasco da Gama, o capitão dos navegantes, ao topo de um monte e mostra-lhe a "Máquina do mundo", uma máquina que apenas os deuses tinham acesso e prediz feitos grandiosos e fama aos portugueses. A deusa faz profecia sobre os

feitos grandiosos e sobre a fama dos portugueses. Nesse momento, é desvendado o que até então seria desconhecido pelos navegantes.

Notamos que tanto na obra cinematográfica quanto no poema épico a imagem da ilha tem grande significado, pois ela surge como uma ruptura na montagem cinematográfica capaz de dar uma significação de reconhecimento e retomada do equilíbrio e no poema épico ela surge no fim trazendo em si uma significação. Por conseguinte, este momento da ilha para nós é de suma importância, pois é a partir dele que estabelecemos um vínculo entre as obras, ou seja, um estreito diálogo.

Por meio de uma análise em relação à imagem da ilha e à construção dos personagens que se inserem neste espaço e, tendo por alicerce o conceito teórico de figurativização, este trabalho tem por meta discutir a função da ilha nas duas obras: uma literária e outra cinematográfica.

DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Este trabalho apresenta um método que envolve uma Pesquisa Qualitativa, de natureza teórica, que realiza, por meio da coleta de dados bibliográficos e da análise de obras literária e cinematográfica, um diálogo entre o filme *As aventuras de Pi* e a passagem *Ilha dos Amores*, de *Os Lusíadas* no que diz respeito às figuras e aos temas por elas representados.

A Pesquisa Bibliográfica é uma modalidade de estudo que se constitui do levantamento e do fichamento de referencial bibliográfico a respeito de um tema específico, sendo voltada à pesquisa de dados conceituais e de fontes teóricas.

A comparação entre diferentes linguagens se mostra eficiente para a compreensão e apreensão de temas comuns. Dessa maneira, faz-se eficiente o uso de diferentes linguagens (literária e cinematográfica) neste trabalho, pois com artifícios distintos e a distância temporal entre elas não se perdeu a essência, uma vez que o principal recurso em ambas foi o processo de figurativização.

Para tanto, foi realizado um estudo aprofundado quanto ao conceito de Figurativização, por meio dos autores - José Luiz Forin, Ana Luísa Vilela e Carlos Ceia - a fim de compreender o que propõe este conceito e definir como se constituem as alegorias, os símbolos e as figuras de linguagem nestas obras.

Como o objetivo principal deste trabalho foi o de estabelecer uma relação entre o filme *As aventuras de Pi* e a passagem *Ilha dos Amores*, foi feito um levantamento a respeito dos conceitos abordados nas obras; da mesma forma, foi feito a respeito das figuras presentes nestas obras e o que elas podem representar. Posteriormente, como poderia ser a relação entre tais obras segundo a identificação de um ponto de intersecção entre elas, qual o tema que apresentariam e como se deu a construção do processo.

A partir do que foi exposto como objetivo de trabalho, convém ressaltar que a pesquisa teve como base teórica os estudos de Figura e Figurativização. Para que pudessemos estabelecer um diálogo entre as duas obras, foi feita uma análise a respeito do conceito de figura, alicerçado sob o ponto de vista de José Luiz Fiorin em *Elementos de análise do discurso* (2005); da mesma forma, dos conceitos de figuratividade, a partir dos pressupostos de Ana Luísa Vilela, presentes em *E-Dicionário de Termos Literários* (2010).

Segundo Fiorin (2010: 90), a figura é o termo que remete a algo existente no mundo natural: árvore, vagalume, sol, correr, brincar, vermelho, quente, etc. (...) Quando se diz que a figura remete ao mundo natural, pensa-se não só no mundo natural efetivamente existente, mas também no mundo natural construído. Conforme esse pensamento, percebemos que o uso das figuras dá aos textos um efeito de realidade, pois representam uma dada realidade, encobrendo um significado, um tema.

Para o aprofundamento do conceito de figura e como tal conceito se apresenta em obras literárias foi levado em consideração a abordagem feita por Vilela (2010):

Pela figuratividade, pela sua capacidade de produção metafórica, o sujeito coloca igualmente em jogo uma “força figurativa” que modifica radicalmente todo o enunciado, todo o sintagma: a subjectividade torna-se discurso “figurativizando-o”. (...) Não há discurso sem “imagens do mundo”. E é esta necessidade, inerente ao discurso, de semantizar os circuitos sintáticos, esta inevitabilidade do investimento semântico, que é designada por “figurativização”.

A figurativização se dá pela utilização de figuras, isto é, o uso de elementos concretos do mundo real que revestem temas abstratos, sem que sejam opostos. A utilização de elementos concretos para a formação de determinado tema (abstrato) auxilia na concretização do sentido de determinado texto. O uso da figuratividade, como complementa Vilela, modifica o enunciado de maneira que se dá uma espécie de 'capa' que esclarece o significado de dado discurso. Isto é, a figurativização permite que as ideias abstratas possam ser projetadas sobre imagens concretas por meio do uso de figuras de

linguagem, alegorias, e símbolos facilitando assim a compreensão dessas ideias.

A fim de compreender o percurso temático do processo de figurativização, levou-se em consideração a abordagem feita por Carlos Ceia em relação à alegoria; da mesma forma, a retomada que ele faz do conceito que Goethe utiliza a respeito dos procedimentos retóricos: a simbólica e a alegoria. Além disso, considerou-se o uso de figuras de linguagem, que auxiliaram na composição deste processo. Para este fim, utilizou-se a obra de Fiorin, *Figuras de retórica* (2014).

A figurativização pode dar às histórias nas quais se faz presente um tom exagerado ou amenizado, por isso, observamos que, no enredo do filme *As aventuras de Pi*, o uso de figuras dá um tom amenizador à história real que se faz figurada. Há, portanto, um eufemismo presente. Em contraposição, na passagem *Ilha dos Amores* percebemos um exagero no relato em relação à viagem dos navegantes, uma vez que os fatos narrados são hiperbólicos, transcendem o natural, pois é feito o uso da figura de linguagem hipérbole.

Por fim, todo o tema deste estudo teve por base a obra épica *Os Lusíadas*, que possui como tema central a viagem de Vasco da Gama e sua frota às Índias e também a obra cinematográfica *As aventuras de Pi*, que narra a vida e jornada do jovem Pi. Procurou-se estabelecer um diálogo entre as duas obras considerando o processo de construção do tema, com foco em um elemento em comum a fim de verificar a retomada do conceito ílico de Yvette K. Centeno, que foi apresentada por Raquel de Sousa Ribeiro, em seu texto *O navegador e a busca* (2000).

Podemos observar tanto em *As aventuras de Pi* quanto na passagem *Ilha dos Amores*, de *Os Lusíadas*, que há uma construção de história alegórica que não apresenta necessariamente a realidade daquilo que nos é retratado, uma vez que a alegoria se faz pelo processo de figurativização, as figuras são empregadas em determinada história, sem, contudo, representarem seu sentido real, assim:

(...) alegoria significa “dizer o outro”, “dizer alguma coisa diferente do sentido literal”, e veio substituir ao tempo de Plutarco (c.46-120 d.C.) um termo mais antigo: hypónoia, que queria dizer “significação oculta” e que era utilizado para interpretar, por exemplo, os mitos de Homero como personificações de princípios morais ou forças sobrenaturais, método que teve como foi especialista Aristarco de Samotrácia (c.215-143 a.C.). A alegoria distingue-se do símbolo pelo seu carácter moral e por tomar a realidade representada elemento a elemento e não no seu conjunto. (...) Regra geral, a alegoria reporta-se a uma história ou a uma situação que joga com sentidos duplos e figurados, sem limites textuais. (CEIA, 2010)

O primeiro elemento que nos chama atenção nessa alegoria é a busca do jovem Pi pelo autoconhecimento, e o fato de que ele "conhece a si mesmo" no mar quando estava somente com o tigre. Na trama cinematográfica, apresenta-se a luta do jovem com os elementos da natureza e com o tigre, que o jovem constantemente tenta dominar. Desta forma, podemos constatar por meio de sua presença o carácter alegórico, os elementos apresentados -a natureza e os animais- podem ser tomados como reais ou não. A história de Pi nos leva a pensar na história presente n'Os *Lusíadas*, os navegantes queriam alcançar novas terras, ter novos domínios e tornarem-se eternos por seus atos heroicos. E para isso, assim como o jovem Pi, enfrentaram muitas adversidades como notamos no trecho:

Os ventos eram tais que não puderam
Mostrar mais força d'ímpeto cruel,
Se pera derribar então vieram
A fortíssima Torre de Babel.
Nos altíssimos mares, que cresceram;
A pequena grandura dum batel
Mostra a possante nau, que move espanto,
Vendo que se sustém nas ondas tanto. (CAMÕES, p.174)

Nota-se, no trecho destacado, a presença, também, dos elementos da natureza- o vento, o mar- considerados como reais, como elementos que dão sentido aos atos narrados e que são de grande importância. Porém, apesar de tais elementos estarem presentes tanto na obra cinematográfica quanto na obra camoniana, percebemos que são moldados de formas diferentes. Enquanto numa obra, *As aventuras de Pi*, tais elementos parecem abrandar o real sentido da narrativa, noutra, *Os Lusíadas*, eles vêm supervalorizar os atos narrados.

A história narrada pelo jovem Pi, parece-nos em certos pontos irreal ou inconcebível: um jovem que fica sozinho no mar, perde os mantimentos do bote salva-vidas no qual se abriga e fica na companhia apenas de um tigre- de - bengala faminto, mas ainda assim sobrevive. Realmente é uma história incrível, no entanto, no decorrer da narrativa nos deparamos com uma 'quebra' (que discutiremos mais adiante) que nos leva a compreender que toda essa construção era um eufemismo, apesar de não o parecer.

O *eufemismo* (do grego *eufemísmos*, que significava "emprego de uma palavra favorável no lugar de uma de mau augúrio", vocábulo formado de *eu*, "bem" + *femi*, "dizer, falar", designando, pois, " o ato de falar de uma maneira agradável") é o tropo em que há uma diminuição da intensidade semântica, com a utilização de uma expressão atenuada para dizer alguma coisa desagradável. (FIORIN, 2014: 78)

Já na passagem Ilha dos Amores, notamos que os elementos da natureza realçam os atos narrados sejam eles reais ou não. Como no trecho em que há a comparação da força com a qual o mar atingia a nau dos portugueses à queda da Torre de Babel: " *Se pera derribar então vieram/ A fortíssima Torre de Babel. / Nos altíssimos mares, que crescera;*". Podemos dizer que há uma construção hiperbólica para engrandecer as dificuldades passadas e levar-nos a valorizar àqueles que passaram por tais situações de maneira que aquilo que lhes é oferecido no fim dessa passagem nos parece 'na medida exata', ou seja, na justa medida, como algo realmente merecido e sem exageros.

A *hipérbole* (do grego *hyperbolé*, que significa "ação de lançar por cima ou além"; depois, " ação de ultrapassar por cima"; daí "excesso", "amplificação crescente") é o tropo em que há um aumento da intensidade semântica. Ao dizer de maneira mais forte alguma coisa, chama-se a atenção para aquilo que está sendo exposto. (FIORIN, 2014: 74)

Assim, observamos que pode haver nas duas histórias ambas as figuras de linguagem apresentadas, pois quando se exagera por um lado tende-se a amenizar por outro, isto é, como destaca Fiorin (2014: 78) " Na hipóbole diz-se mais para significar menos, mas, por isso mesmo, enfatiza-se o que está sendo expresso. Trata-se, portanto, de uma difusão semântica: o menos projeta-se sobre o mais; em outras palavras, a expressão mais intensa engloba também a menos intensa." "No eufemismo, diz-se menos para significar mais e, por isso, alarga-se o alcance sêmico da expressão que está sendo usada, já que o mais se projeta no menos.". Ou seja, o uso desses tropos encobre no percurso de figurativização o sentido real das histórias apresentadas.

Para prosseguirmos o nosso raciocínio e nossa análise, como já foi citado anteriormente há um exagero nos acontecimentos pelo fato do poeta comparar a ação do mar sobre a nau dos navegantes à queda da Torre de Babel, entretanto, se considerarmos os elementos (ventos, mar) presentes na narrativa de maneira denotativa, e outros elementos de maneira simbólica diferentemente do que ocorre n'*As aventuras de Pi*, tomaremos tal história como alegórica, pois ressalta-se a ambiguidade do significado de seus elementos:

Goethe distinguiu assim os dois procedimentos retóricos: “A simbólica [die Symbolik] transforma o fenómeno em ideia, a ideia em imagem, e de tal modo que na imagem a ideia permanece sempre infinitamente eficaz e inatingível e, ainda que pronunciada em todas línguas, continuaria a ser indizível. A alegoria transforma o fenómeno num conceito, o conceito em imagem, mas de tal modo que na imagem o conceito permanece limitado e susceptível de ser completamente apreendido e usado, e pronto para ser expresso por essa mesma imagem. ” (Máximas e Reflexões, trad. de José M. Justo, in *Obras Escolhidas de Goethe*, vol.5, Círculo de Leitores, Lisboa, 1992, pp.188-189). (CEIA, 2010)

Ou seja, a alegoria atribui a uma imagem um significado imutável de maneira que esse não se altera com o contexto no qual é imposto. Já o símbolo pode adquirir diferentes significados que são regidos pelo contexto no qual está inserido e com relação aos outros símbolos com os quais dialoga, assim definiremos a imagem da ilha em ambas as histórias como símbolo, uma vez que o sentido de ambas as obras se concretiza nessa imagem. A ilha surge nas duas obras em momentos de extrema tensão.

No filme, Pi está desenganado e praticamente entregue à fúria do mar, já não tem mais forças. Nesse momento ele avista uma ilha repleta de suricatos e com água doce. Já na passagem *Ilha dos Amores*, os navegantes avistam a ilha preparada por Vênus, após as batalhas para compensá-los por seus feitos heroicos.

Algum repouso, enfim, com que pudesse
Refocilar a lassa humanidade
Dos navegantes seus, como interesse
Do trabalho que encurta a breve idade.
Parece-lhe razão que conta desse
A seu filho, por cuja potestade
Os deuses faz descer ao vil terreno
E os humanos subir ao Céu sereno.

Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe aparelhada, lá no meio
Das águas, alguma ínsula divina,
Ornada de esmaltado e verde arreio;
Que muitas tem no reino que confina
Da Mãe primeira co'o terreno seio,
Afora as que possui soberanas
Pera dentro das portas herculanas.

(...)

Cortando vão as naus a larga via
Do mar ingente pera a pátria amada,
Desejando prover-se de água fria
Pera a grande viagem prolongada,
Quando, juntas, com súbita alegria,
Houveram vista da Ilha namorada,
Rompendo pelo céu a mãe formosa
De Menônio, suave e deleitosa. (CAMÕES, p.233-240)

Notamos que os navegantes, assim como Pi, desejavam descansar das tribulações vividas no mar e de certa forma buscavam a harmonia. No entanto, observamos que para Pi a ilha representou apenas uma pausa, uma retomada do equilíbrio para que pudesse prosseguir. Já para os navegantes a ilha simbolizava o fim daquela busca, daquela viagem e de suas vidas terrenas como podemos destacar do trecho: "*Os Deuses faz descer ao vil terreno/ E os humanos subir ao Céu sereno*" aqui temos a evidência de que os navegantes tornaram seus nomes eternos como deuses, por seus feitos.

Não eram senão prémios que reparte,
Por feitos imortais e soberanos,
O mundo co'os barões que esforço e arte
Divinos os fizeram, sendo humanos.
Que Júpiter, Mercúrio, Febo e Marte,
Enéias e Quirino e os dois tebanos,
Ceres, Palas e Juno com Diana,
Todos foram de fraca carne humana. (CAMÕES, p.250)

A ilha permite-nos estabelecer uma relação entre as duas obras, o que ela representa e porque se faz presente nessas obras, Raquel de Sousa Ribeiro cita Yvette.K. Centeno:

A ilha é uma 'insula divina', surgida no 'meio das águas', como a própria Vênus (IX, 21). É um produto do Uno primordial, materializado dessa forma, porque a forma da ilha e das águas é a que melhor indica a perfeição. A ilha é simbolicamente um 'ponto de chegada'. (2000: 43)

A ilha está, em ambas as histórias, diretamente ligada aos personagens que com ela interagem. O narrador da trama Pi ressalta que aquela ilha, na qual foi amparado, tinha a forma do corpo de um homem e que essa não se encontrava nos mapas. Temos aqui uma metáfora que evidencia como a ilha representava, na verdade, o próprio protagonista e seu interior. Na ilha, ele e Richard Parker se harmonizam para prosseguir viagem juntos. A perfeição encontrava-se na harmonia de seu ser.

Na obra de Camões a ilha também se apresenta diretamente ligada aos seus personagens, na obra camoniana a ilha se apresenta como o ponto de intersecção entre o divino e o humano. Nos trechos:

Mil árvores estão ao céu subindo,
Com pomos odoríferos e belos;
A laranjeira tem no fruto lindo
A cor que tinha Dafne nos cabelos.
Encosta-se no chão, que está caindo,
A cidreira co'os pesos amarelos;
Os fermosos limões ali cheirando,
Estão virgíneas tetas imitando.

As árvores agrestes, que os outeiros
Têm com frondente coma enobrecidos,
Álamos são de Alcides, e os loureiros
Do louro Deus amados e queridos;
Mirtos de Citeréia, co'os pinheiros
De Cibele, por outro amor vencidos;
Está apontando o agudo cipariso
Pera onde é posto o etéreo Paraíso.

(...)

Para julgar, difícil cousa fora,

No céu vendo e na terra as mesmas cores,
Se dava às flores cor a bela Aurora,
Ou se lha dão a ela as belas flores.
Pintando estava ali Zéfiro e Flora
As violas da cor dos amadores,
O lírio roxo, a fresca rosa bela,
Qual reluze nas faces da donzela; (CAMÕES, p.242-243)

Temos uma descrição de Dafne, uma caracterização, uma comparação com a cor da laranjeira; da mesma forma, descrição das ninfas Citereia e Cibele, comparadas com elementos presentes na ilha, e a ligação de Aurora e das flores da ilha "*Se dava às flores cor a bela Aurora, / Ou se lha dão a ela as belas flores*". A comparação entre os elementos da ilha aos das ninfas nos leva a entender que há um elo estreito entre eles. Podemos até dizer que a importância da comparação nos coloca em evidência não só as ninfas e sua beleza, mas também 'o novo', a descoberta desse novo lugar como um "etéreo Paraíso".

É notável como se dá o processo de figurativização. Diversos elementos e imagens do mundo são colocados nas duas histórias para auxiliar na apresentação de seu tema. Cada personagem está diretamente ligado ao meio em que está inserido e como fora apresentado anteriormente; entretanto, na obra *As aventuras de Pi* temos um jovem sozinho que tenta conhecer a si mesmo e n'Os *Lusíadas* temos navegantes que simbolicamente trazem a imagem do povo português.

Um ponto de extrema importância dessas obras que se torna um vínculo estreito e comum para a compreensão do tema é a dicotomia vida e morte. Este dualismo também nos é perceptível por meio do processo de figurativização. Pi, diante do mar, que tem de enfrentar busca sobreviver e superar suas adversidades, podemos supor que o mar simboliza a vida dentro da alegoria em que se encontra, e o tigre como o lado feroz de Pi, como uma proteção instintiva que o faz permanecer atento às adversidades. Na trama, o maior desejo do jovem é sobreviver. Já n'Os *Lusíadas*, essa dicotomia é algo vencido, uma vez que, os navegantes atingiram o patamar de deuses, pois ao chegarem à ilha já não precisam mais lutar e são apenas recompensados por Vênus.

Dessa forma, podemos supor que todo o processo figurativo no qual as duas histórias são embasadas tem seu término e conseqüentemente o desvendamento de seu tema na imagem da ilha. Ela, de certa forma, traz a ideia de completude para a obra de

Camões, notamos que nela ocorre o fim da busca e a visão do futuro. Ou seja, no momento presente dá-se a consolidação do passado português e pelas conquistas do presente poderão ser recompensados no futuro, já não existe um fluxo temporal. A imagem que temos é de que naquele lugar encontram-se passado, presente e futuro.

E em *As aventuras de Pi*, a ilha também aparece com essa característica de algo completo, harmônico, pois é apresentada com o formato de um corpo humano, como um organismo vivo, em perfeito funcionamento. Nesse local, Pi e Richard Parker recuperam suas forças e podem então retomar seu caminho. Agora, o jovem já não parece tão perdido, a imagem que temos dele é de alguém que de certa forma se encontrou.

Em suma, por meio desta análise, verificamos que tanto na trama cinematográfica quanto na passagem *Ilha dos Amores* o tema presente seja a busca-encontro pelo novo ou apenas pelo desconhecido, pela sua própria significação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, podemos concluir que o objetivo dessa pesquisa foi atingido, uma vez que, foi possível estabelecer uma relação entre a obra cinematográfica, *As aventuras de Pi* e a passagem *Ilha dos Amores* do poema épico de Camões, por meio do estudo processo de figurativização. Assim ficou evidente como podemos supor que tratam de um tema em comum, ainda que a apresentação desse tema se dê de formas diferentes.

Mais do que isso, pode-se notar também como é possível estabelecer um diálogo entre obras clássicas e contemporâneas utilizando diferentes linguagens, o que mais uma vez evidencia a importância desse estudo. Com o levantamento de um elemento em comum foi possível interligar tais obras.

Por meio desta análise, tornou-se possível perceber a importância do vínculo que se estabelece entre as duas obras e que foi possível tornar comum para a compreensão o tema de forma dicotômica vida e morte, por meio do processo de figurativização. A ilha se torna entre os dois textos um elo figurativo de análise metafórico e metonímico que se revela tanto em dicotomia quanto em unicidade na Literatura e nas telas do cinema.

REFERÊNCIAS

AS AVENTURAS DE PI. Direção: Ang Lee. Produção: Ang Lee; Gil Netter; David Womark. Intérpretes: Suraj Sharma; Irrfan Khan; Adil Hussain; Tabu; Gerard Depardieu. Estados Unidos: 20th Century Fox e Rhythm and Hues, 2012. DVD (127 min)

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Gráfica Melhoramentos, 1999.

CEIA, Carlos (org.). *E-Dicionário de Termos Literários*. Anagogia| Apólogo | Bestiário| Crítica Arquetípica | Emblema |Exemplum| Metáfora| Mito | Símbolo. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/business-directory/6590/alegoria/>. Acesso: 17/03/2016. Website desenvolvido por: Made2Web, 2010.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

FIORIN, José Luiz. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.

RIBEIRO, Raquel de Sousa. "O navegador e a busca". *Todas as Letras: Revista de Língua e Literatura da Faculdade de Filosofia, Letras e Educação*. São Paulo: MacKenzie, 2000.

VILELA, Ana Luísa (colab.). *E-Dicionário de Termos Literários*. Desejo. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/business-directory/5989/desejo/>. Acesso: 18/03/2016. Website desenvolvido por: Made2Web, 2010.

Contatos:

carlapatfelix@hotmail.com e letras.ccl@mackenzie.br